

Antero de Quental (1842)

- Contra o Romantismo;
- pretendia renovar a mentalidade Portuguesa;
- luta pela liberdade de Pensamento e pela justiça social;

↳ Escreve essencialmente sonetos.

Duas Tendências / facetas de Antero

Tendência luminosa, positiva, revolucionária

- sonetos otimistas, marcados pela crença em ideais (sonetos correspondentes ao período de maior atividade política e revolucionária de Antero);
- Antero crente na luta por uma sociedade melhor (em busca de um ideal).

≠

Tendência noturna, desencanto, angústia, dor, frustração, cansaço, de desistência

- Antero passivo, mais contemplativo com tendência para a reflexão e inquietação filosóficas;
- Antero desiludido descrente da luta, pessimista, entregue a soluções como a desistência, sono, sonho e transcendência religiosa.

CARACTERÍSTICAS TEMÁTICAS

↳ Configuração do Ideal

↳ Angústia existencial



A UM POETA → o título dá-nos o destinatário da mensagem do sp (Antero acreditava que os poetas deveriam ter um papel interventivo na sociedade, usando a poesia como arma de combate).

TOM EUFÓRICO

Surge et ambula! → **levanta-te e anda** → **incitamento e apelo à ação**

Tu, que dormes, **espírito sereno**, → **despreocupado**

Posto à sombra dos cedros seculares,
Como um levita à sombra dos altares, } **comparação** → atitude areada, acovardada, passiva deste poeta.

Longe da luta e do fragor terreno,

Começa o discurso de incitamento

Acorda! é tempo! O Sol, já alto e pleno,

Afugentou as larvas tumulares... → A metáfora destaca a negatividade do tempo que termina (associação a um mundo ainda romântico).

Para surgir do seio desses mares,

Um mundo novo espera só um aceno...

↳ Objetivo: juntar o poeta ao movimento da criação de um mundo novo.

Escuta! é a grande voz das multidões.

São teus irmãos que se erguem! são canções...

Mas de guerra... e são vozes de rebate!

MARCAS LINGUÍSTICAS QUE REMETEM PARA UM TOM ARELATIVO:

- imperativo;
- vocativo.

Ergue-te, pois, soldado do Futuro, → **Esperança de um novo espírito revolucionário.**

E dos raios de luz do sonho puro,

Sonhador, faze espada de combate! Expressões que permitem caracterizar o "tu", colocando em evidência o espírito sonhador e revolucionário daquele que deverá contribuir para a construção de um mundo melhor.

Antero de Quental

O PALÁCIO DA VENTURA

→ O Palácio da Ventura é a representação **Ausgórica** do ideal da felicidade.

TOM MELANCÓLICO

Sonho que sou um cavaleiro andante.

Por desertos, por sóis, por noite escura, → **Enumeração**; realça os obstáculos que ultrapassou.

Paladino do amor, busco anelante

O palácio encantado da Ventura!] Representação simbólica do ideal da felicidade

Mas já desmaio, exausto e vacilante,

consaço

momento de desânimo;

Estado de espírito de desalento

Quebrada a **espada** já, rota a **armadura**...

cavaleiro

E eis que súbito o avisto, fulgurante

Na sua pompa e aérea formosura!

volta a ver o palácio e renova as suas esperanças de sucesso.

Com grandes golpes bato à porta e **brado**:

→ Grito

Eu sou o Vagabundo, o Deserdado...

Abri-vos, **portas de ouro**, ante meus ais!

vocativo

MELANCOLIA

↳ TOM PREDONI-

NANTE

Abrem-se as **portas d'ouro** com fragor...

Conotação Positiva

Sujeito

→ Suspance

Mas dentro encontro só, cheio de dor,

Silêncio e escuridão - e nada mais!

desilusão; quebram-se as expectativas;
DESISTÊNCIA

Antero de Quental



NA MÃO DE DEUS

→ poema que revela uma inquietação espiritual, surgindo muitas vezes Deus como a entidade a quem o sujeito poético recorre e lhe dá conforto.

ATITUDE DE
DESISTÊNCIA

Na mão de Deus, na sua mão direita,

Descansou afinal meu coração.

→ o advérbio sugere a resolução do dilema do sujeito poético ao confrontar o ideal com a realidade.

Do palácio encantado da Ilusão

Desci a passo e passo a escada estreita.

→ a escada estreita que me leva à realidade

Como as flores mortais, com que se enfeita

→ comparação com os sonhos.

A primeira comparação destaca a transitoriedade dos sonhos e das idealizações, semelhantes a flores mortais.

A ignorância infantil, despôjo vão,

Depus do Ideal e da Paixão

A forma transitória e imperfeita.

A segunda comparação evidencia a proteção e o conforto da mão de Deus, que garante o sossego do sujeito poético, da mesma forma que uma mãe assegura o bem estar da sua criança em percursos atribulados.

Como criança, em lóbrega jornada,

Que a mãe leva ao colo agasalhada

E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, areias do deserto...

Dorme o teu sono, coração liberto,

> ideia de desistência

Dorme na mão de Deus eternamente!

o sujeito poético dirige-se ao coração, sugerindo que descanse no conforto da figura divina.

Antero de Quental



PORTUGUÊS

12.º ano

Antero de Quental

Programa e Metas Curriculares de Português – 11.º ano	
Antero de Quental, <i>Sonetos Completos</i> Escolher: 2 poemas	A angústia existencial. Configurações do Ideal. Linguagem, estilo e estrutura: <ul style="list-style-type: none">– o discurso conceptual;– o soneto;– recursos expressivos: a apóstrofe, a metáfora, a personificação.

I. A angústia existencial

- Antero foi um poeta atormentado pela sede de infinito e pelo desejo da eternidade. Foi um poeta-pensador com uma ânsia metafísica nessa busca desesperada de infinito e de absoluto que se transformou na grande obsessão da sua vida.
- Preocupado com o mundo em que vivia, procurou interpretá-lo para o conhecer bem. Consciente da sua desordem e da sua confusão, aspira ao equilíbrio, buscando a justiça, o amor, a verdade, a fraternidade, linhas que percorrem a sua produção poética e que julga encontrar nos ideais socialistas.
- Antero deseja construir um mundo novo marcado pela fraternidade, pela solidariedade, pela justiça e pela igualdade.
- Guiado pela razão, o ser humano deve ser promotor da harmonia e atingir a Liberdade, construída através do Amor e da Justiça.
- As interrogações sobre o mistério da Vida e da Morte, do Universo e de Deus (a preocupação com Deus está sempre presente) conduziram-no a um estado de permanente ansiedade, angústia e desânimo.
- O permanente conflito interior, o vazio existencial, as decepções, a insatisfação constante, o pavor da morte e o amor à vida, o confronto sonho/realidade, o abandono martirizam o poeta, que se transforma numa vítima da náusea do real.
- No intuito de se libertar deste sentimento doloroso de derrota, o «eu» busca desesperadamente uma forma de evasão — quer através da aspiração a um estado de indiferença próximo do «nirvana» budista (isto é, uma condição próxima do não-ser) quer através do desejo de refúgio no seio de uma figura protetora, que tanto pode assumir traços maternos (sendo, por vezes, identificada com Nossa Senhora) como traços paternos destacando-se a figura de Deus). No entanto, este desejo de proteção nem sempre é investido de contornos positivos. De facto, o sujeito poético manifesta, ao longo de toda a obra, dúvidas em relação à existência de Deus. Deste modo, mais do que um gesto voluntário de entrega ao divino, o comportamento do «eu» é, na verdade, uma atitude de desistência resultante de um sentimento de profundo desencanto em relação a todas as esperanças.
- A morte aparece como salvadora e libertadora: consciente da inutilidade da sua vida e do fracasso dos seus projetos, desencantado e depois resignado, Antero suicida-se.

II. Configurações do Ideal

- A obra poética de Antero é marcada pela busca de um ideal, que pode assumir diferentes configurações.
- Em primeiro lugar, como foi anteriormente referido, o «eu» faz a apologia da necessidade de transformação da sociedade — processo em que o poeta teria um papel fundamental. Esta vertente da poesia anteriana é influenciada pelos ideais socialistas, que inspiraram as iniciativas políticas do poeta ao longo da vida.
- Em segundo lugar, o «eu» manifesta também a sua aspiração a um amor que surge, muitas vezes, com contornos idealizados (e que é, por vezes, associado a uma figura feminina também ela ideal).
- Finalmente, é de destacar a busca da perfeição a nível ético — que está, obviamente, também associada à aspiração à justiça social. Este processo pauta-se por uma preocupação constante com a busca do Bem e da própria santidade.

Antero acredita:

- ✓ nos ideais de Amor, Justiça e Liberdade;
- ✓ no primado da Razão;
- ✓ no combate ético e ideológico para a construção de um mundo melhor e superior;
- ✓ na capacidade e responsabilidade do indivíduo no devir histórico.

Antero busca, racionalmente, o ideal transcendente.

III. Linguagem, estilo e estrutura

O soneto anteroiano e o discurso concetual

- Na tradição de Sá de Miranda, Camões e outros poetas portugueses, Antero de Quental cultiva o soneto com grande mestria. No entanto, apropria esta tradição aos temas literários e filosóficos que trata e à estética que adota na escrita destes poemas.
- Assim, apesar de ser o mentor da Questão do Bom Senso e Bom Gosto (polémica em que atacou a literatura do Ultrarromantismo) e correligionário dos escritores realistas, como Eça, Antero exprime as suas ideias em sonetos marcados por uma linguagem recuperada do Romantismo, cultivando um vocabulário e motivos literários associados à noite, à morte, às ruínas, etc. (Nada aqui há de contraditório porque as ideias estão em consonância com o ideário realista e o pensamento moderno da segunda metade do século XIX.)
- Com os seus catorze versos decassilábicos, o soneto é uma forma poética que permite desenvolver uma ideia, um raciocínio, de forma sintética e concentrada. Após tratar um problema, normalmente de natureza filosófica, o «eu» poético dos sonetos de Antero chega a uma conclusão no terceto final e remata o seu pensamento com a chamada «chave de ouro», com um desfecho engenhoso. Reconhece-se a este poeta o virtuosismo de conseguir tratar temas de natureza filosófica, religiosa ou social na curta extensão do soneto.
- A reflexão é desenvolvida nestes sonetos em termos poéticos e, em muitos casos, em tom de monólogo interior, como se o «eu» poético discorresse mentalmente sobre o problema que está a tratar (ver soneto «Desesperança»). Noutros casos, como em «Aparição», há um esboço de diálogo entre o «eu» lírico e outra entidade que anima a reflexão que está em curso.
- Os temas filosóficos tratados nos sonetos de Antero passam pela relação entre o Homem e Deus («Ignoto Deo»), o amor («Sonho oriental»), a morte («Mors liberatrix»), a angústia existencial («O palácio da Ventura»), a configuração do ideal («Ideal»). Mas o poeta revela também preocupações sociais, cívicas e políticas — ou não tivesse tido Antero uma participação ativa na arena pública portuguesa: ver poema «Justitia mater».
- Como na grande maioria dos sonetos Antero desenvolve um argumento e trata questões filosóficas, a linguagem tende a ser abstrata («Tormento do ideal»). Daí que se afirme que o poeta cultive um discurso concetual nas suas composições poéticas, pois com esta linguagem debate ideias e conceitos.
- No entanto, alguns poemas adotam um registo narrativo e, nesse modo discursivo, apresentam um breve episódio que retrata uma questão ou um problema filosófico: a

busca da felicidade («O palácio da ventura»), o papel do amor e da morte na vida dos homens («Mors-amor»), entre outros.

Recursos expressivos

- Se atentarmos nos principais recursos expressivos cultivados por Antero de Quental nos seus sonetos, constatamos que a metáfora é usada para representar de forma eloquente e reveladora conceitos, fenómenos e situações que são centrais no desenvolvimento do raciocínio do «eu» poético. Nas metáforas, o «eu» lírico ganha um olhar novo e revelador sobre uma ideia ou um conceito: «Estreita é do prazer na vida a taça» (a taça do prazer); «O cálix amargoso da desgraça».
- Próxima da metáfora, a imagem é um recurso expressivo que consiste numa representação (de natureza metafórica) com um forte apelo visual. Antero usa-a, em alguns casos, associada à alegoria: observe-se como em «O palácio da Ventura» a busca da felicidade é representada pela demanda de um cavaleiro ou como a ação da morte e do amor na vida dos homens é figurada na imagem de um cavaleiro negro que avança na noite escura em «Mors-amor».
- Antero recorre à personificação de elementos físicos e de conceitos abstratos, que surgem como personagens nos poemas: o meu coração, a minha alma, o vento, o sonho, mas também a Justiça, a Razão, o Amor («Mors-amor») e a Morte («Mors liberatrix»). Desta forma, o «eu» lírico dirige-se a estas entidades, questiona-as, lamenta-se, exige-lhes explicações como se estivesse a falar com outra pessoa. Frequentemente, estes nomes surgem com inicial maiúscula.
- Assim, em alguns sonetos, o sujeito poético estabelece diálogo com esses elementos e conceitos personificados a fim de desenvolver o seu raciocínio ou de expor o seu argumento. É nesse momento que se socorre das apóstrofes para interpelar estas entidades: «Razão, [...] / Mais uma vez escuta a minha prece» («Hino à Razão»); «e tu, Morte, bem-vinda!» («Em viagem»).
- As interrogações, as frases exclamativas e as reticências servem para conferir o tom inquiridor, mas também coloquial, à discussão de ideias que o «eu» lírico está a desenvolver interiormente.
- Por fim, registe-se a presença de um vocabulário associado à escuridão mas também um léxico relativo à luz e à claridade: estes dois campos lexicais traduzem a dimensão luminosa e a negra dos sonetos de Antero. Como antes vimos, se o primeiro campo lexical alude à racionalidade, à justiça ou à ideia de bem, o segundo reúne palavras associadas ao pessimismo, ao desespero ou à morte.

PARA RELEMBRAR O QUE SE APRENDEU...

Análise do poema "A UM POETA"

*Surge et ambula!*¹

Tu, que dormes, espírito sereno,
Posto à sombra dos cedros seculares,
Como um levita à sombra dos altares,
Longe da luta e do fragor terreno,

Acorda! é tempo! O sol, já alto e pleno,
Afugentou as larvas tumulares...
Para surgir do seio desses mares,
Um mundo novo espera só um aceno...

Escuta! é a grande voz das multidões!
São teus irmãos, que se erguem! São canções...
Mas de guerra... e são vozes de rebate!

Ergue-te, pois, soldado do Futuro,
E dos raios de luz do sonho puro,
Sonhador, faze espada de combate.

QUENTAL, Antero de, 2016. *Os Sonetos Completos*.
Porto: Porto Editora

NOTA

¹ «Levanta-te e anda» – alusão bíblica referente à cura de um parálítico por Cristo.

Neste soneto, o termo "Poeta" poderá remeter para a figura de um idealista, possivelmente em consonância com o espírito da época. A referência ao espírito do mundo romântico, lúgubre e sombrio, percebe-se quando, personificando o sol, usa a metáfora em "Afugentou as larvas tumulares" (v. 6) e "Um mundo novo espera só um aceno" (v. 8). Mas o que interessa, sobretudo, é perceber que o sujeito lírico faz um apelo a todo aquele que é capaz de sonhar, mas vive alheado e num estado de inércia quando é necessária a luta revolucionária ao lado de um povo que sofre e que busca a liberdade.

Na primeira quadra (que constitui uma tese argumentativa) encontramos a estagnação, a passividade e o alheamento do poeta em relação à realidade social e política do mundo, "Longe da luta e do fragor terreno" (v. 4); na segunda quadra e no primeiro terceto (antítese, com a explanação e confirmação da tese), surge o apelo à

consciencialização do poeta para a necessidade de mudar de atitude pois está em causa um povo que precisa da solidariedade, "Escuta! é a grande voz das multidões! I São teus irmãos" vv. 9, 10); no último terceto (síntese conclusiva), irrompe o apelo para a ação - "Ergue-te" (v. 12) - destacando a importância da poesia como arma de combate, como voz da revolução, apelidando o Poeta de "soldado do Futuro" (v. 12) e "Sonhador" (v. 14).

Em todo o soneto se encontra um apelo para a necessidade de agir e que está bem expressa na gradação verbal: "Tu, que dormes", "Acorda!", "Escuta!", "Ergue-te", "Faze". Este poema mostra bem a sua aposta na poesia como "voz da revolução".

Antero de Quental foi um verdadeiro apóstolo social, solidário e defensor da justiça, da fraternidade e da liberdade. Mas as preocupações nunca o deixaram desde que entrou nos meios universitários de Coimbra e se tornou líder da Geração de 70 que, em Lisboa, continuou a sua luta. É o próprio que, numa carta autobiográfica, de 14 de Maio de 1887, dirigida a Wilhelm Storck, afirma que: «O facto importante da minha vida, durante aqueles anos, e provavelmente o mais decisivo dela, foi a espécie de revolução intelectual e moral que em mim se deu ao sair, pobre criança arrancada do viver quase patriarcal de uma província remota e imersa no seu plácido sono histórico, para o meio da irrespeitosa agitação intelectual de um centro, onde, mais ou menos vinham repercutir-se as encontradas correntes do espírito moderno. Varrida num instante toda a minha educação católica e tradicional, caí num estado de dúvida e incerteza, tanto mais pungentes quanto, espírito naturalmente religioso, tinha nascido para crer placidamente e obedecer sem esforço a uma regra reconhecida. Achei-me sem direção, estado terrível de espírito, partilhado mais ou menos por quase todos os da minha geração, a primeira em Portugal que saiu decididamente e conscientemente da velha estrada da tradição.»



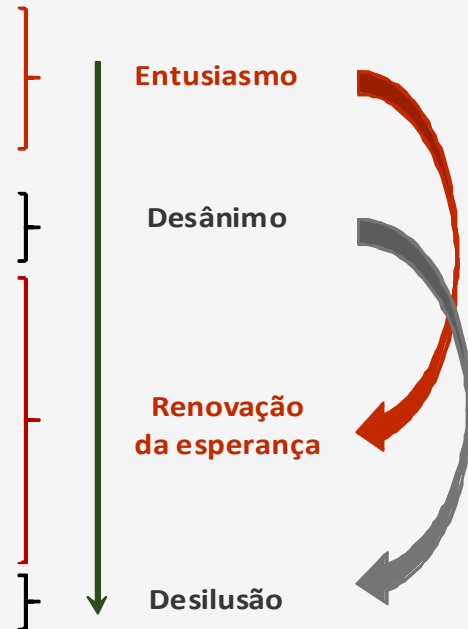
Análise do poema “O palácio da Ventura”

Sonho que sou um cavaleiro andante.
Por desertos, por sóis, por noite escura,
paladino do amor, busco anelante
O palácio encantado da Ventura!

Mas já desmaio, exausto e vacilante,
Quebrada a espada já, rota a armadura...
E eis que súbito o avisto, fulgurante
Na sua pompa e aérea formosura!

Com grandes golpes bato à porta e brado:
Eu sou o Vagabundo, o Deserdado...
Abri-vos, portas d'ouro, ante meus ais!

Abrem-se as portas d'ouro, com fragor...
Mas dentro encontro só, cheio de dor,
Silêncio e escuridão — e nada mais!



Versos 1-4

ENTUSIASMO

Plano onírico / idealização

Sonho que sou um cavaleiro andante.
Por desertos, por sóis, por noite escura,
paladino do amor, busco anelante
O palácio encantado da Ventura!

Enumeração
dos **obstáculos**
que o cavaleiro
enfrenta

Cavaleiro:

- Representa o triunfo militar ou espiritual
- Serve geralmente uma causa superior

Procura o bem maior:
«Ventura»

Felicidade



Versos 5-6

DESÂNIMO

Mas: conector com valor de contraste

Ideal ? Real

Mas já desmaio, exausto e vacilante,
Quebrada a **espada** já, rota a **armadura**...

Metáforas
do desânimo:
**a busca
não tem
resultados**

Reticências:
**desalento,
prostração,
desencorajamento**



Joseph Paton, *Galaaz* (fim do século XIX).

Versos 7-12

RENOVAÇÃO DA ESPERANÇA

Palácio da Ventura: **Felicidade**

E eis que súbito **o** avisto, fulgurante
Na sua pompa e aérea formosura!

Com grandes golpes bato à porta e brado:

Eu sou o **Vagabundo, o Deserdado**...

Abri-vos, portas d'ouro, ante meus ais!

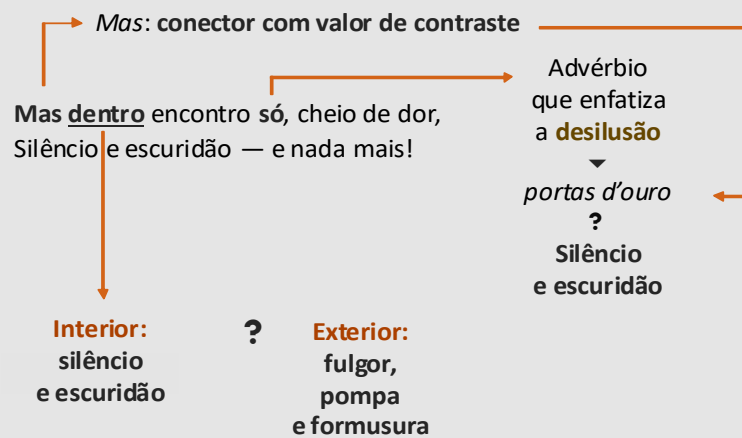
Abrem-se as portas d'ouro, com fragor...

Exclamação:
**alegria, esperança
renovada, desejo**

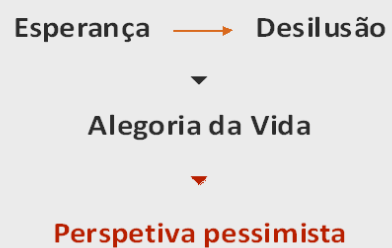
Reticências:
expectativa

o Vagabundo, o Deserdado:
símbolos da errância,
da perda e do sofrimento

Imperativo:
súplica /desejo



Percurso do cavaleiro até ao «palácio da Ventura»:



Análise do poema “Na mão de Deus”

Simbologia do lado direito de Deus



Segundo a Bíblia, os eleitos sentar-se-ão à direita de Deus



Pormenor do fresco do teto da Capela Sistina, de Miguel Ângelo (1508-1512).

Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descansou afinal meu coração.
Do **palácio encantado da Ilusão**
Desci a passo e passo a escada estreita.

Como as flores mortais, com que se enfeita
A ignorância infantil, despojo vão,
Depus do **Ideal** e da **Paixão**
A forma transitória e imperfeita.

Como criança, em lóbrega jornada,
Que a mãe leva ao colo agasalhada
E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, areias do deserto...
Dorme o teu sono, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente!

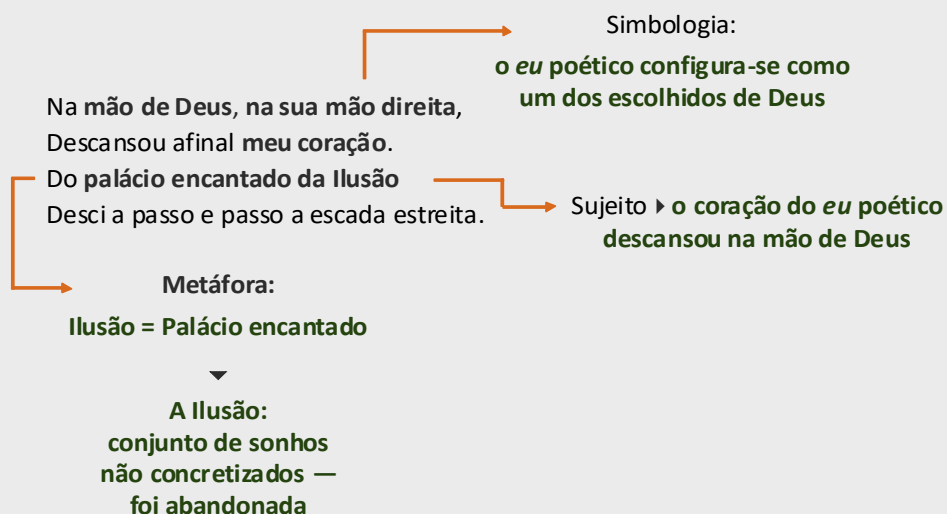
Descanso na mão de Deus

Abandono do Ideal
e da Paixão / Negação da Ilusão

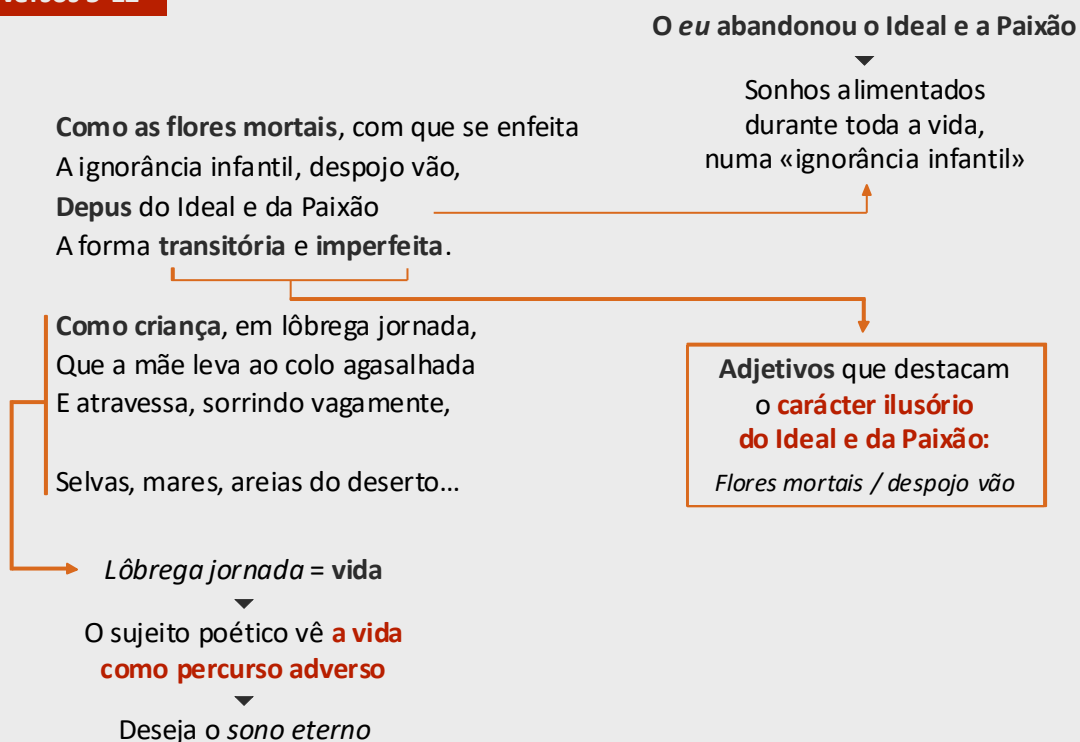
A vida como percurso adverso

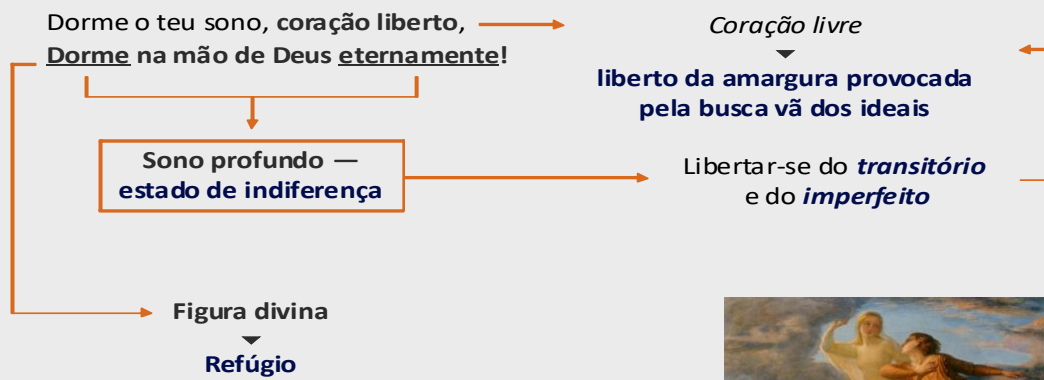
Sono profundo

Versos 1-4



Versos 5-12

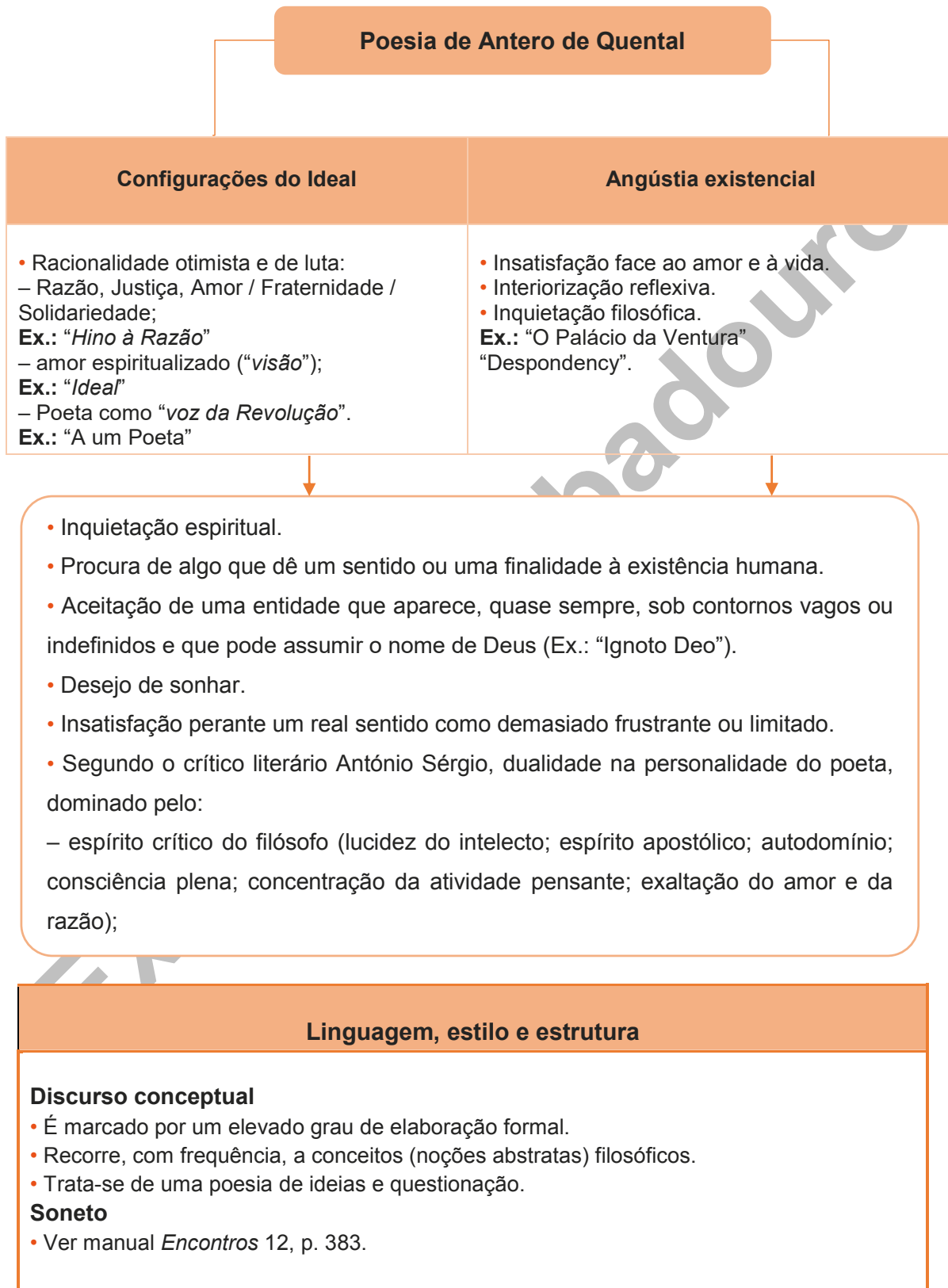




Louis Janmot,
O ideal (c. 1854).

Em síntese....

Antero de Quental



Fonte: *Encontros* – 11.º Ano.

1998 | Português B | 1.ª FASE – 2.ª CHAMADA

Leia o poema. Se necessário, consulte as notas.

Sonho oriental

Sonho-me às vezes rei, n' alguma ilha,
Muito longe, nos mares do Oriente,
Onde a noite é balsâmica¹ e fulgente²
E a lua cheia sobre as águas brilha...

5 O aroma da magnólia e da baunilha
Paira no ar diáfano³ e dormente...
Lambe a orla dos bosques, vagamente,
O mar com finas ondas de escumilha⁴...

E enquanto eu na varanda de marfim
10 Me encosto, absorto n' um cismar sem fim,
Tu, meu amor, divagas ao luar,

Do profundo jardim pelas clareiras,
Ou descansas debaixo das palmeiras,
Tendo aos pés um leão familiar.

QUENTAL, Antero de, 2001. *Os Sonetos Completos*.
Porto: Porto Editora (p. 53)

1. perfumada, aromática, consoladora;
2. brilhante, cintilante;
3. límpido, cristalino;
4. espuma miúda.

Apresente, de forma bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

1. Divida o soneto nas partes lógicas que o constituem, justificando a tua resposta.
2. Enumere os elementos descritivos que evocam o Oriente.
3. Indique qual o papel da distância na construção do sentido global do poema.
4. Mostre como é sugerido, no texto, um ambiente de sonho.
5. Explícite de que modos são representados o “eu” e o “tu”.

Leia o poema. Se necessário, consulte as notas.

Mors liberatrix¹

(A Bulhão Pato)

Na tua mão, sombrio cavaleiro,
Cavaleiro vestido de armas pretas,
Brilha uma espada feita de cometas, → Luz
Que rasga a escuridão, como um luzeiro².

- 5 Caminhas no teu curso aventureiro,
Todo envolto na noite que projetas...
Só o gládio³ de luz com fulvas⁴ betas⁵
Emerge do sinistro nevoeiro. → caminho difícil

- “Se esta espada que empunho é coruscante⁶,
10 (Responde o negro cavaleiro andante)
É porque esta é a espada da Verdade.

Firo, mas salvo... Prostro⁷ e desbarato⁸,
Mas consolo... Subverto, mas resgato...
E, sendo a Morte, sou a Liberdade.”

QUENTAL, Antero de, 2016. *Os Sonetos Completos*.
Porto: Porto Editora (p. 108) (1.ª ed.: 1886)

1. *Mors liberatrix*: morte libertadora, em latim;
2. clarão, objeto que dá luz;
3. espada;
4. raios;
5. dourados;
6. fulgurante, muito brilhante;
7. lanço por terra, derrubo;
8. derroto, destruo.

1. Elabore um comentário do texto que integre o tratamento dos seguintes tópicos:

- estruturação do poema em partes lógicas;
- importância da oposição luz / sombra;
- aspetos formais e recursos estilísticos relevantes;
- valor simbólico do «negro cavaleiro-andante».

Leia o poema. Se necessário, consulte as notas.

Sonho que sou um cavaleiro andante.
Por desertos, por sóis, por noite escura,
paladino do amor, busco anelante
O palácio encantado da Ventura!

5 Mas já desmaio, exausto e vacilante,
Quebrada a espada já, rota a armadura...
E eis que súbito o avisto, fulgurante
Na sua pompa e aérea formosura!

Com grandes golpes bato à porta e brado:
10 Eu sou o Vagabundo, o Deserdado...
Abri-vos, portas d'ouro, ante meus ais!

Abrem-se as portas d'ouro, com fragor...
Mas dentro encontro só, cheio de dor,
Silêncio e escuridão — e nada mais!

Antero de Quental, Sonetos, edição de
Nuno Júdice, Lisboa, IN-CM, 1994, p. 80

NOTAS

anelante (verso 3) – com desejo intenso; ansioso.

cavaleiro andante (verso 1) – herói das novelas de cavalaria medievais que busca um ideal de amor e de justiça.

fragor (verso 12) – ruído muito forte; estrondo.

Paladino (verso 3) – pessoa que defende alguém ou alguma coisa, de forma corajosa e tenaz.

pompa (verso 8) – esplendor; ostentação.

Apresente, de forma bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

1. Explícite os traços caracterizadores da figura do «cavaleiro andante» (verso 1).
2. Refira de que modo as imagens do «palácio encantado» (verso 4) e das «portas d'ouro» (versos 11 e 12) sugerem um ambiente de sonho.
3. Descreva os sucessivos momentos, ou fases, da busca representada no poema
4. Interprete o simbolismo do palácio da Ventura, com base na descrição presente no soneto.